

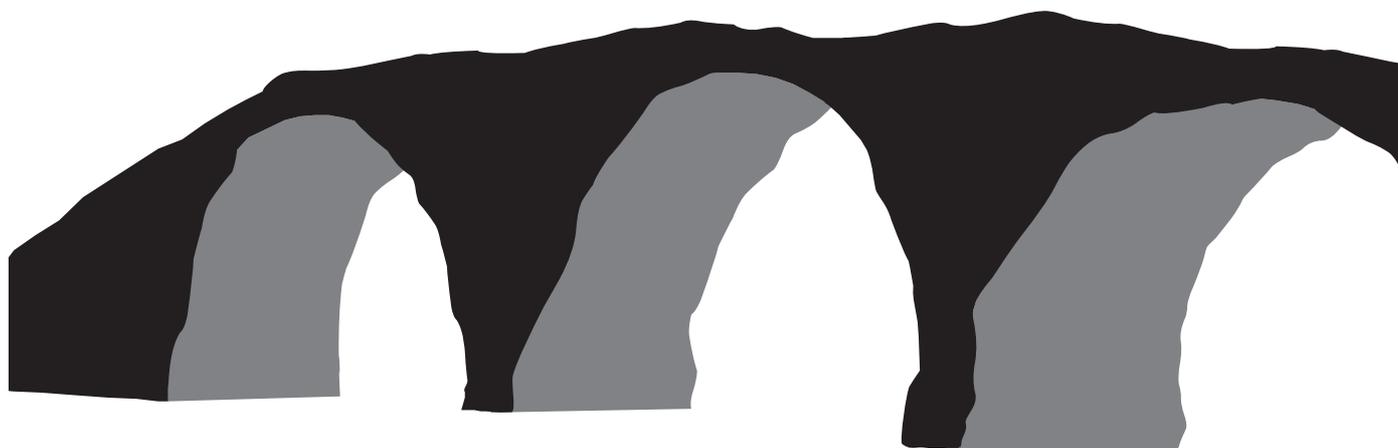
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica

Volume 4 | Número 1 | Janeiro – Junho 2011

ISSN 1981-5875

**O CENÁRIO ANTÁRTIDA E SEUS DESDOBRAMENTOS.
CONSIDERAÇÕES VOLTADAS AOS ESTUDOS DA
GLOBALIZAÇÃO E DO TRANSNACIONALISMO.**

Gustavo Lins Ribeiro
Gonzalo Díaz Crovetto



O CENÁRIO ANTÁRTIDA E SEUS DESDOBRAMENTOS. CONSIDERAÇÕES VOLTADAS AOS ESTUDOS DA GLOBALIZAÇÃO E DO TRANSNACIONALISMO.

Gustavo Lins Ribeiro
Gonzalo Díaz Crovetto¹

RESUMO

Nosso artigo discute e problematiza, de uma forma introdutória, o cenário Antártida a partir de questionamentos próprios à antropologia da globalização. Neste sentido, o texto, antes de qualquer coisa, propõe e provoca questões sobre as possíveis variáveis de pesquisa que o continente antártico nos apresenta. O texto também explora as possibilidades teóricas e os alcances etnográficos que aquela zona de fronteira, ou melhor, entre fronteiras, pode proporcionar. Finalmente, propomos pensar a Antártida como um espaço de encontro e fluxos, seja de políticas, pessoas, modelos ou saberes.

Palavras chaves: antártica, antropologia da globalização, fluxos, fronteiras.

RESUMEN

Nuestro artículo discute y problematiza, de una forma introductoria, el escenario Antártica a partir de cuestionamientos desde una antropología de la globalización. En este sentido, el texto, más que nada, propone y estimula preguntas sobre las posibles variables investigativas que nos presente el continente antártico. El texto discurre también sobre las posibilidades teóricas y los alcances etnográficos que dicha zona de frontera, o bien, entre fronteras nos puede proponer. Finalmente, proponemos reflexionar la Antártida como un espacio de encuentro y flujos, sea de políticas, personas, modelos y saberes.

Palabra claves: antártica, antropología de la globalización, flujos, fronteras.

ABSTRACT

We make an introductory discussion and problematization of the Antarctic scenario from the point of view of issues that are commonly debated in the an-

¹ Laboratório de Estudos da Globalização e do Desenvolvimento, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.

thropology of globalization. In this connection, the text proposes and provokes, above all, questions on possible research variables that the Antarctic continent raises. The text also explores the theoretical possibilities and the ethnographic meanings that that border zone, or rather that inter-border zone may provide. Finally, we propose to think Antarctica as a space of encounters and flows of policies, people, models and knowledge.

Keywords: Antarctica, anthropology of globalization, flows, boundaries.

DO ACASO AO CASO

O primeiro contato registrado com o continente e oceano antárticos se deu no período da expansão colonial da península ibérica. Consideramos este período como o marco histórico inicial de contato, para além de outros possíveis avistamentos não registrados. Dentre os objetivos do processo de expansão territorial colonial estava o estabelecimento e o controle de rotas de comércio. A Antártica se insere, portanto, na história do sistema mundial. Porém, a aproximação mais intensa ao continente tem uma história mais recente que remete aos séculos XVIII e XIX. Ao que tudo indica, ela está relacionada à expansão das fronteiras marítimas, com a procura de recursos naturais específicos, tais como peles de focas, lobos marinhos e óleo de baleia (Zarankin e Senatore 2007, Villa 2004)².

Tais recursos eram consumidos em várias partes do mundo, mas sua caça e extração estavam concentradas em companhias e empreitadas específicas de países do hemisfério norte (EUA, Inglaterra e Noruega, entre outros), já que tinham o domínio tecnológico das embarcações e das estruturas de processamento, além do domínio do capital necessário. Isto significa que antes das expedições impulsionadas para “descobrir” a Antártida, o *capitalismo* já tinha alcançado aquela área.

Levando em consideração os períodos citados de contato e presença humanos, seria interessante perquirir o imaginário em torno deste continente, refletido na sua relativamente recente designação de *última fronteira*, sendo esta agora pensada enquanto uma fronteira científica. De qualquer forma, parece-nos claro que ela não deve ser vista exclusivamente como uma última fronteira *científica* (ou seja, de conhecimento), mas sim como resultante, em grande medida, de um processo de expansão das rotas de extração de recursos naturais (Zarankin e Senatore 2007, Villa 2004) e de formação do sistema mundial assim como dos projetos dos Estados-nação de estabelecimento de um território sem soberanias demarcadas.

2 Uma vez esgotados os recursos pela sobre-exploração da Antártida, parte desse empreendimento passou a se instalar em costas chilenas (Díaz 2010).

PROBLEMATIZANDO A ANTÁRTIDA.

A Antártida é, sem dúvida, de grande interesse para antropologia e, em especial, para uma antropologia enquadrada nos marcos de estudos de processos de globalização, caracterizados pela intensificação e aceleração dos fluxos de bens (capital e mercadorias), ideias (informação) e pessoas. É um cenário igualmente propício para (re)problematizar as condições da transnacionalidade (Ribeiro 2003) e ainda os limites de cosmopolíticas (Ribeiro 2005). Mas por quê? A pergunta tem, de antemão, uma grande quantidade de respostas, assim como de possibilidades de pesquisa. Porém, ressaltaremos inicialmente uma. Por ser um lugar de ocupação tardia e a única massa expressiva de terra não-colonizada pelo Homo Sapiens (ou seja, não existem nativos da Antártida), ela é incrivelmente rica para se estudar enquanto cenário onde se cruzam, em diferentes momentos, diversos processos e *ideologias* de expansão de fronteiras econômicas, políticas, jurídicas e científicas. Assim, a Antártida hoje se conforma como um espaço privilegiado para entender um amplo espectro de *fluxos* que fazem parte do sistema mundial.

O continente antártico é também um lugar de aparentes paradoxos na medida que, como princípio comum, as bases dos países que lá estão foram construídas há anos, enquanto que as pessoas estão sempre de passagem. Pode-se, assim, estudar a permanência de estruturas e a rotatividade de pessoas em um local onde ambas se apresentam de forma extremamente visível. Também haveria que averiguar, nesta mesma direção, se uma base de uma mesma nação reproduz uma forma de viver que, por sua vez, seja, hipoteticamente, distinguível de outras formas de viver em outras bases. Assim, ao mesmo tempo em que verificaríamos a importância de modelos mais gerais sobre as formas de reprodução da vida humana em ambientes inóspitos, poderíamos perceber suas variações e inflexões estruturadas pelas diversidades étnicas e nacionais desses habitats. Modelos de conhecimento, da relação controlada homem/natureza assim como de desenvolvimento certamente informam as diferenças entre as diferentes bases.

É impossível deixar de considerar que estes fluxos de bens, pessoas e informações, assim como a vida nas bases e fora delas, são regulados por um marco legal próprio, o Tratado Antártico, de 1959. Esse tratado se distingue-se de convenções assinadas por organismos tais como as Nações Unidas por ter sua própria dinâmica de relações multilaterais – que em si gera *cosmopolíticas*, isto é, políticas baseadas em macro-discursos que pretendem ter alcance global. O Tratado Antártico foi assinado por 46 países (diferenciados entre membros consultivos e não consultivos), mas mantém-se aberto a futuras incorporações, dependendo de certos requisitos. Na medida em que o tratado gera *cosmopolíticas*, ele apresenta-se como um lugar ideal para pensar articulações supra e transnacionais em relação

às assimetrias (Ribeiro 2005) marcadas pelos diferentes status dos países que o compõem. Cabe também verificar que tais cosmopolíticas (veja-se, por exemplo, o artigo sobre meio ambiente na Antártida) têm efeitos mais pervasivos que vão além da Antártida. Além disso, por ser um território regulado por um acordo no qual se abre mão das pretensões político-territoriais, típicas dos Estados-nações, sobre vasta área do globo, a Antártida se apresenta, ao mesmo tempo, como um continente onde as contradições próprias entre interesses nacionais e internacionais se revelam (falar em nome da ciência brasileira e da ciência universal, por exemplo), tanto quanto como um experimento de solidariedade transnacional alimentado por ideologias universalistas como as da ciência e da paz em prol da humanidade. É interessante notar, por exemplo, que além das competições e da cooperação entre cientistas de diferentes nacionalidades presentes nesta fronteira científica, ocorre o mesmo no que diz respeito à presença de militares, sobretudo de diferentes marinhas de guerra. Os militares, como se sabe, são os grandes guardiães dos vínculos entre território-política-cultura-soberania dos Estados nacionais.

ETNOGRAFIAS.

Uma etnografia enraizada nos fluxos de capital, em modelos de desenvolvimento e em processos transnacionais pode explorar interpretações sobre os assentamentos humanos na Antártida e as atividades ali realizadas. Assim, ao observar as bases, certamente poder-se-ia distinguir como se reproduzem algumas condições operantes fora da estrutura aparentemente isolada do continente antártico. Por exemplo, a base McMurdo pode ser considerada como um posto avançado de “colonização científica” norte-americana e conta com complexas instalações quase de caráter fabril. No verão, habitam-na cerca de 1.000 pessoas, sendo esta, portanto, a mais populosa de todas as bases. Sua constituição, seja em tamanho ou em estrutura, diferencia-se notoriamente do resto das outras situadas no continente, o que constitui parte de sua singularidade. A atenção a diferenças como estas entre as bases nos levaria a buscar entender a necessidade de rastrear as geopolíticas globais por detrás dos organismos que fazem pesquisa científica na Antártida. Por sua vez, tal pesquisa nos levaria a questionar o caráter *nacional* ou não de tais organismos – veja o artigo de Luís Guilherme R. de Assis neste volume.

Também resulta enriquecedor colocar, em consonância com alguns autores (Lewellen 2002, por exemplo), que junto a processos de globalização existem processos de regionalização e localização. O trabalho de Nelson Soto, também neste volume, leva a considerar o “complexo austral”, onde se situam grande parte

dos portos que *abastecem* a Antártida. A profundidade de relações, semelhanças e diferenças entre os diversos portos dessa região só poderá ser esclarecida com estudos etnográficos comparativos. Também podemos apreciar processos de *localização* em relação a cidades-porto, como Punta Arenas, no Chile, ou Ushuaia, na Argentina. Ambas as cidades estabelecem polos de desenvolvimento completamente diferenciados com a Antártida. Portanto, podemos ali apreciar novas formas de explorar a compressão do espaço-tempo (Harvey 2002), através das maneiras que se estabelecem nexos com outros lugares. Tal afirmação traz, em consequência, a necessidade de se estabelecer claramente uma sociologia e uma antropologia da logística. Em um lugar do mundo, onde tudo vem de fora, a abstração “fluxos” adquire caráter mais concreto que permite investigar empiricamente as redes, percursos e entrelaçamentos de agentes e agências que efetivamente animam os “fluxos”. Defrontamo-nos, mais uma vez, com a necessidade de compreender a globalização como um assunto de maior interconectividade entre espaços cada vez mais remotos (Hannerz 1996). Etnografias multi-situadas (Marcus 1986, 1998) e aquelas que consideram a história, assim como formas complementares de pesquisa frente à diversidade de campos e contextos (Gupta e Ferguson 1997), incluindo as pesquisas arqueológicas, são estratégicas para desvendar e tecer a história por detrás dos primeiros e atuais *habitantes* da Antártida (Zarankin e Senatore 2007).

SITUANDO OS FLUXOS.

Como é bem assinalado no documentário de Werner Herzog, “Encounters at the End of the World” (2007), não há nada mais ao sul que a Antártida. O seu isolamento pressupõe, em termos logísticos, que podemos traçar pontos de partida/chegada. Nesse plano, ainda nos confins de uma antropologia da globalização e transnacionalização, cabe perguntar sobre os habitantes da Antártida das diferentes bases e estações, dos que passam meses e dos que passam anos, dos militares, dos cientistas e do cada vez maior número de pessoal de serviços associados para manter as condições de vida que remetem, ao menos no interior das bases e das habitações, ao lugar de origem das pessoas. Todas as pessoas e famílias que estão na Antártida são parte de emigrações temporárias (migrações, normalmente associadas a processos laborais). Cabe indagar qual a proporção entre membros das forças armadas, serviços gerais e cientistas nas e entre as diferentes bases/acampamentos. Cabe perguntar se, de uma forma ou outra, os habitantes da Antártida conformam um modo especial de diáspora temporária.

A Antártida é muito mais que um cenário de reflexão para pensar transnacionalidade, fluxos e modelos de desenvolvimento e conhecimento. Ela é, como todo

lugar, um espaço de encontros, seja dos lugares que se constituem como pontos nodais no abastecimento de recursos (materiais e humanos), como também dos diferentes países que proclamam seu interesse geopolítico e científico – definindo políticas para posicionar-se nela e em cosmopolíticas do mundo globalizado. Além disso, como já dito, o continente em si, hoje e desde seu descobrimento, faz parte de um sem número de imaginários sobre ele e seu futuro. Se hoje em dia existe uma consagração da Antártida como um espaço de pesquisa científica, o documento que sustenta tal orientação (o Tratado Antártico de 1959 e suas alterações) está longe de ter sido criado nesse âmbito exclusivo. Ele situa-se claramente em um leque de possibilidades que são meramente tateadas pelos Estados-Nação de políticas e iniciativas concretas de experimentos relativos a um mundo pós-nacional, verdadeiramente transnacional, ainda com todas as contradições pertinentes à presença estruturante do nível de integração nacional na Antártida, apesar de tudo.

Quisemos levantar, brevemente, alguns pontos relativos à condição especial da Antártida e dos seus habitantes. Certamente, outras questões poderiam ser levantadas, dependendo dos interesses de diferentes pesquisadores. Mas, não resta dúvida, a Antártida desperta a imaginação e estimula perguntas próprias, algumas das quais foram aqui explicitadas. Agradecemos o convite para participar desta publicação, mesmo estando longe de sermos especialistas na área, e aos convidados que participaram do Seminário Internacional Fluxos de Modelos em Escala Global. Explorando o Cenário da Antártica, realizado em Brasília no dia 2 de Setembro de 2010, no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, financiado pelo projeto MEDEA – Models and their Effects on Development paths: an Ethnographic and comparative Approach to knowledge transmission and livelihood strategies, da União Europeia, abrigado, no Brasil, no Laboratório de Estudos da Globalização e do Desenvolvimento, do Departamento de Antropologia, da UnB. O diálogo e debate com os participantes do seminário foi a inspiração para as linhas aqui apresentadas. Estamos convencidos de que a Antártida pode proporcionar diferentes e, provavelmente, novas matizes para problematizar processos de globalização e transnacionalização. Ficamos no aguardo de novas experiências etnográficas.

BIBLIOGRAFIA.

- CROVETTO, G. D. 2010. *El trabajo de los tripulantes de Corral, Chile. Colocando lo local en lo global*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília.
- GUPTA, A. y FERGUSON, J. 1997. Discipline and Practice: "The field" as Site, Method and Location in Anthropology. In GUPTA, A. y FERGUSON, J., *Anthropological Locations*, Berkeley, University of California Press. Pp. 2-46.
- GUPTA, A. and FERGUSON, J. 1997. *Anthropological locations: boundaries and grounds of a field science*. Berkeley, CA, University of California Press.
- HANNERZ, U. 1996. *Transnational Connections*. New York, Routledge.
- HARVEY, D. 2002. *Condição Pós-Moderna*. Edições Loyola, São Paulo.
- LEWELLEN, T. C. 2002. *The anthropology of globalization : cultural anthropology enters the 21st century*. Westport, Conn., Bergin & Garvey.
- MARCUS, G. 1998. Ethnography in/ of the World System. The emergence of multi-sited ethnography. In MARCUS G. (comp.) *Ethnography Through Thick And Thin*. Pp.79-104. Princeton University Press, Princeton.
- _____ 1986. Contemporary Problems of Etnography in the Modern the World System. In MARCUS, G. e CLIFFORD, J. *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. University of California Press, EEUU. Pp. 165-193
- RIBEIRO, G. L. 2003. *Postimperialismo: cultura y política en el mundo contemporáneo*. Barcelona, Editorial Gedisa.
- _____ 2005. *Antropologias Mundiais: Cosmopolíticas, Poder e Teoria em Antropologia*. Série Antropologia n° 379. Brasília, Departamento de Antropologia, Univeridade de Brasília.
- VILLA, R. 2004. *A Antártida no Sistema Internacional*. São Paulo: Editora Hucitec
- ZARANKIN, A. and SENATORE, M.X. 2007. *Histórias de un pasado en blanco: arqueología histórica antártica* Belo Horizonte, Argymentvm.
- Filme: Werner Herzog 2007. Encounters at the End of the World.

